

OS DEDOS HÁBEIS DE MULHERES QUE TECERAM A HISTÓRIA

UMA IMERSÃO LITERÁRIA



UMA JORNADA DE CONTEMPLAÇÃO DO PAPEL FUNDAMENTAL
DAS MULHERES NA LITERATURA COMO TECELÃS DAS HISTÓRIAS,
CONSTRUTORAS DA PRÓPRIA HISTÓRIA E DAS HISTÓRIAS DO
MUNDO.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

D299 Os dedos hábeis de mulheres que teceram a história : uma
imersão literária / Wiliam Alves Biserra
... [et al.], autores dos resumos ; Ariano
Suassuna ... [et al.], autores dos textos da
antologia. - Brasília : Universidade de
Brasília, Departamento de Teoria Literária,
2023.
24 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-89350-10-1 (impresso).

ISBN 978-65-89350-09-5 (digital).

"Resumos das conferências e antologia de
textos da Semana Universitária UnB 2023."

1. Mulheres na literatura. 2. Antologias. I.
Biserra, Wiliam Alves. II. Suassuna, Ariano.
III. Semana Universitária da UnB (23. : 2023 :
Brasília).
CDU 82

Camila Moreira Mendes Barcelos - CRB 1/2193

Projeto de Extensão “Uma Jornada Literária Inesperada: Leituras
Orientadas de J.R.R Tolkien e amigos”

Universidade de Brasília - UnB

OS DEDOS HÁBEIS DE
MULHERES QUE TECERAM
A HISTÓRIA
UMA IMERSÃO LITERÁRIA

Resumos das Conferências e Antologia de Textos da Semana Universitária UnB
2023

Autores dos Resumos:

Dr. Wiliam Alves Biserra; Dra. Marina Arantes; Prof. Pe. Cássio Selaimen Dalpiaz; Prof.
Guilherme Torres; Prof. Dr. Paulinyi Zoltan; Profa. Verônica Valadares; Flávia Cabral; Shirley
de Medeiros; Luigi M. Pereira de Souza;

Autores dos Textos da Antologia:

Ariano Suassuna; Cecília Meireles; Érico Veríssimo; Gabrielle Bossis; J.R.R. Tolkien; Marina
Colasanti; Teresa de Lisieux; Osman Lins.

Departamento de Teoria Literária

Brasília - DF

2023

SUMÁRIO

Programação.....	pg. 3
Antologia.....	pg. 8
Biografias e Trechos.....	pg.18
Créditos.....	pg. 21

PROGRAMAÇÃO

1ª Sessão · 14h–15h50

Prof. Dr. William – Tecer a vida, tecer o amor, amortecer a vida: “A Moça Tecelã” de Marina Colassanti.

Aspectos da teoria literária, da psicologia analítica e da simbologia comparada serão utilizados para realizar uma leitura detalhada (*close reading*) do conto: “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti.

Profa. Verônica Valadares – Lúthien, a princesa obstinada de J. R. R. Tolkien

Dentre as poucas, porém significativas personagens femininas de J.R.R. Tolkien, destaca-se Lúthien Tinúviel, protagonista do conto “De Beren e Lúthien”, que consta de maneira integral, após várias versões e revisões, na obra póstuma “O Silmarillion” (2003). Trata-se de uma das histórias de maior relevância no legendário—nome dado ao corpus mitopoético de estórias e lendas criadas por Tolkien—, levando-se em conta tanto a importância pessoal que possuía para o autor como sua centralidade na narrativa.

Tendo isso em vista, e a partir de autores como Janet Brennan Croft e Leslie Donovan (2015), Lisa Coutras (2016), Cristina Casagrande (2019) e Maria Tatar (2021), propomos uma análise acerca da construção da personagem de Lúthien, explorando as características que a destacam na obra tolkieniana, bem como as inúmeras referências mitológicas e a contos de fadas que Tolkien usou para tecer o conto “De Beren de Lúthien”. Esperamos, assim, contribuir na prevacente discussão acerca do papel das personagens femininas no legendário de J.R.R. Tolkien e das permanências e rupturas na literatura de fantasia desde então.

Prof. Guilherme Torres – A vitória moral da donzela-guerreira: uma análise de Éowyn em “O Senhor dos Anéis”

Apesar de pertencer a uma personagem secundária em “O Senhor dos Anéis”, a jornada de Eowyn de Rohan encapsula um comentário precioso acerca de alguns temas centrais do livro, como morte e decaimento. As inseguranças da perso-

nagem frente a uma cultura de vigor e violência fornecem uma camada de análise acerca da glorificação da guerra que fazem com que Eowyn tome uma curiosa posição de destaque no texto. Este trabalho apresenta como Tolkien explora algumas das mais importantes virtudes para os povos anglo-saxões inseridos em um mundo hostil, como coragem e força de vontade, e as santifica sob o olhar da donzela-guerreira em sua jornada rumo à vitória moral sobre seus maiores medos. ■

2ª Sessão · 16h–17h40

Shirley de Medeiros – A influência arquetípica na construção literária e a simbologia mítica sobre “aquela que tece a vida.”

A apresentação trará um olhar sobre o arquétipo da Tecelã a partir da influência do mito na literatura. A presença de figuras míticas constantemente reinventadas em obras literárias e seu lastro reconhecido por diversas áreas do saber nas produções artísticas contemporâneas nos permite enxergar o mito como possibi-

lidade de referência arquetípica na construção de personagens. Se olharmos para trás, uma vez que tecer e fiar foram, ao longo da história, atividades femininas, a imagem da mulher que atua na tessitura da vida e do destino é identificável em antigas histórias sobre deusas e mitologias de diversas culturas e religiões. Para tratar o tema, serão abordados os conceitos de arquétipo e inconsciente coletivo de Carl Gustav Jung que embasam o mito como modelo orientador da experiência humana. Utilizaremos também a definição de mitocrítica criada pelo antropólogo e sociólogo francês Gilbert Durand em seus estudos acerca da formação subjetiva e do imaginário social. Como representação arquetípica das mulheres tecelãs, analisaremos os mitos das Moiras e da Mulher Aranha.

Profa. Dra. Marina – Joana Carolina: Tecendo Mistérios de Santidade

“*Retábulo de Santa Joana Carolina*”, de Osman Lins, foi publicado originalmente na coletânea “*Nove, Novena*”, no ano de 1966. Propõe-se uma

leitura do corpus que examine o estado de santidade da personagem principal, Joana Carolina. O objetivo é desenvolver um cenário prognóstico a respeito da configuração do estado de santidade de Joana Carolina por meio da espiritualidade do “rosário com que rezou pelos que amava e pelos que a perseguiram.” Observados os pilares estruturais (visual, espiritual e cênico) do enredo—em que pulsam as marcas do medievo e os traços barrocos, a contrastarem com a modernidade da narrativa osmaniana—, destaca-se a instância da palavra como fundamento definitivo, configurando o gesto criador do texto literário e cuja força semântica amplia-se para a correlação com o ato do Criador na cosmovisão cristã ocidental. Em perspectiva comparada, a aproximação entre os estudos sobre Literatura e Espiritualidade configura a base teórica deste trabalho. A partir do espanto causado ao principal algoz da protagonista, que ele próprio caracteriza como seu “quinhão de espanto em uma vida pobre de Mistério”, a intenção é investigar o estado

de santidade da personagem principal, considerando textos teológicos, dogmáticos e catequéticos sobre os processos de canonização conduzidos pela Igreja Católica, e que não seja avessa ao sopro da transcendência e da imaterialidade existencial.

Prof. Pe. Cássio Selaimen Dalpiaz - Vozes que cantam, voz que intercede: Cantigas de Santa Maria

Jograis e outros que com sua voz encantavam o período medieval (trovadores, menestres, cavaleiros, andarilhos e mesmo os aldeões que cantavam para seus filhos) foram os portadores do meio de comunicação de massa do Medievo: a voz. Uma temática particular que cantavam, inspirava esperança que ecoa como caminho de futuro. As Cantigas de Santa Maria de Afonso X mostram-nos a difusão da imagem da Mãe de Jesus, uma vez que sob sua luminosa vemos nelas os povos de então. Desvelam-nos, assim, pela tradição oral uma riqueza de formas e temáticas nas composições recolhidas à diversidade de seus autores.

Junto à prática da devoção do Rosário, essas Cantigas com seus versos rimados e a diversidade das suas formas testemunham um valor para um futuro sob a proteção desta mulher. ■

3ª Sessão · 18h–19h

Luigi M. Pereira de Souza – Entre Górgonas e Atenas, mulher segundo Julián Marías

O caráter dramático da vida humana de encontra-se plasmado no universo simbólico, de modo especial nos mitos, como os gregos. Sob a ótica antropológica de Julián Marías, procuraremos revisitar o drama de Medusa e Atena a fim de destacar as potências essenciais da figura feminina, assim como desvelar as suas maiores forças.

Flávia Cabral – “Cantora de Rua” de Gabrielle Bossis (edição bilíngue francês-português) com tradução de Flávia Cabral e adaptação de Dr. Zoltan Pauliny: Apresentação da obra, autora e da tradução

Gabrielle Bossis nasceu na cidade francesa de Nantes no ano de 1874. Formou-se en-

fermeira, tendo servido em um hospital e, posteriormente, no atendimento aos feridos em Verdun, no nordeste da França, durante a I Guerra Mundial. Ela iniciou suas produções catequéticas em 1923, a pedido de um pároco de Fresne-sur-Loire. Católica leiga, escreveu peças que fizeram sucesso não apenas na França, mas em outros países da Europa, no norte da África e no Canadá. Ela escrevia, dirigia e até atuava nas suas peças. Gabrielle teve diversas experiências místicas com Jesus Cristo durante sua vida, relatadas em seu livro “*Ele e eu*”.

O livro *Cantora de Rua (Chanteuse de Rue)* conta a história de uma moça, Garfona, a cantora de rua, como era conhecida, que vivia nas ruas de Paris e que ajudava as crianças de rua que encontrava, as tratando como filhos. Um dia, ela encontra uma jóia perdida e então passa a conhecer uma família de burgueses franceses. Estes pedem então que ela finja ser a sobrinha de uma tia rica para que a família a engane e ganhe a herança da mesma. Garfona, inocentemente, concorda. Vários diá-

logos se desenrolam. Conversas sobre Deus, caridade, os costumes e a hipocrisia dos ricos, as dificuldades dos pobres. A família interage com as crianças que a cantora de rua cuida.

Garfona, após conhecer a Senhora Wagner em Barcelona e aprender com a família sobre a mensagem cristã, desenvolve um carinho genuíno pela “tia” e passa a não concordar com o plano, pois se dá conta de que é errado enganá-la. A família, que sabe desses valores, mas não os vive, nem os conhece de fato, vai contra a ideia de dizer a verdade e tenta impedir Garfona de fazê-lo. Ao final, Senhora Wagner descobre a armadilha e Garfona relata o que se passou e de onde vem. Elas descobrem então que são mãe e filha, pois senhora Wagner perdeu uma filha na juventude com as mesmas características. A cantora de rua, incentiva a família, que irá morar com ela em Paris, a fazer a caridade para com os necessitados, todos, tocados, querem participar da obra.

**Prof. Dr. Paulinyi Zoltan – Re-
petição da “*Celeste Lira: Mar-
tírio de Santa Cecília (de San-
cta Caecilia)*, bilíngue portu-
guês-latim segundo Jacobus
a Voragine. Tradução de Dr.
Zoltan Paulinyi”, com parti-
turas musicais do ano 1012.**

Orquestra Kopa foi inaugurada em 1º. de junho de 2022, dia de São Justino, pela Professora Karla Oliveto e Prof. Dr. Zoltan Paulinyi, em concerto na EMB visando difundir a música de concerto e estimular os jovens talentos musicais, reunindo professores e alunos guardiões da beleza da música. ■

**“Tecer era tudo o que
fazia. Tecer era tudo o
que queria fazer.**

**E tecendo, ela própria
trouxe o tempo em que
sua tristeza lhe pareceu
maior que o palácio com
todos os seus tesouros.”**

ANTOLOGIA

A Moça Tecelã Marina Colasanti

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava à moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza. Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer. Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida. Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso, tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo. Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte. ■

COLASANTI, Marina, A moça Tecelã. São Paulo: Global Editora. 2004.

Auto da Compadecida **Ariano Suassuna**

Valha-me Nossa Senhora, / Mãe de Deus de Nazaré!

A vaca mansa dá leite, / a braba dá quando quer.

A mansa dá sossegada, / a braba levanta o pé.

Já fui barco, fui navio, / mas hoje sou escaler.

Já fui menino, fui homem, / só me falta ser mulher.

Valha-me Nossa Senhora, / Mãe de Deus de Nazaré. ■

SUASSUNA, Ariano. Auto da compadecida. 35ª ed. Rio de Janeiro: Agir. 2005, p. 144 e 145

JOÃO GRILO

A distância entre nós e o senhor é muito grande. Não é por nada não, mas sua mãe é gente como eu, só que gente muito boa, enquanto que eu não valho nada.

A COMPADECIDA

Intercedo por esses pobres que não tem ninguém por eles, meu filho. Não os condene. [p. 148]

[...]

JOÃO GRILO

E o senhor vai dar uma satisfação a esse sujeito, me desgraçando para o resto da vida? Valha-me Nossa Senhora, mãe de Deus de Nazaré, já fui menino, fui homem...

A COMPADECIDA (sorrindo)

Só lhe falta ser mulher, João, já sei. Vou ver o que posso fazer.

(A Manuel.) Lembre-se de que João estava se preparando para morrer quando o padre o interrompeu.

ENCOURADO

É, e apesar de todo o aperreio, ele ainda chamou o padre de cachorro bento.

A COMPADECIDA

João foi um pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa. Não o condene, deixe João ir para o purgatório.

JOÃO GRILO

Para o purgatório?

Não, não faça isso assim não. (Chamando a Compadecida à parte.) Não repare eu dizer isso mas é que o diabo é muito negociante e com esse povo a gente pede o mais para impressionar. A senhora pede o céu, porque aí o acordo fica mais fácil a respeito do purgatório.

A COMPADECIDA

Isso dá certo lá no sertão, João! Aqui se passa tudo de outro jeito! Que é isso? Não confia mais na sua advogada?

JOÃO GRILO

Confio, Nossa Senhora, mas esse camarada enrolando nós dois.

A COMPADECIDA

Deixe comigo. (A Manuel.) Peço-lhe então, muito simplesmente, que não condene João.

MANUEL

O caso é duro. Compreendo as circunstâncias em que João viveu, mas isso também tem um limite. Afinal de contas, o mandamento existe e foi transgredido. Acho que não posso salvá-lo.

A COMPADECIDA
Dê-lhe então outra oportunidade.
MANUEL

Como?

A COMPADECIDA

Deixe João voltar. ■

SUASSUNA, Ariano. Auto da Compadecida. 35ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 156 e 157

A Dona Contrariada **Cecília Meireles**

Ela estava ali sentada,
do lado que faz sol-posto,
com a cabeça curvada,
um véu de sombra no rosto.
Suas mãos indo e voltando por
sobre a tapeçaria,
paravam de vez em quando:
e, então, se acabava o dia.

Seu vestido era de linho,
cor da lua nas areias.
Em seus lábios cor de vinho
dormia a voz das sereias.

Ela bordava, cantando.
E a sua canção dizia
a história que ia ficando
por sobre a tapeçaria.

Veio um pássaro da altura
e a sombra pousou no pano,
como no mar da ventura
a vela do desengano.
Ela parou de cantar,
desfez a sombra com a mão,
depois, seguiu a bordar
na tela a sua canção.

Vieram os ventos do oceano,
roubadores de navios,
e desmancharam-lhe o pano,
remexendo-lhe nos fios.
Ela pôs as mãos por cima,
tudo compôs outra vez:
a canção pousou na rima,
e o bordado assim se fez.

Vieram as nuvens turvá-la.
Recomeçou de cantar.
No timbre da sua fala
havia um rumor de mar.
O sol dormia no fundo:
fez-se a voz, ele acordou.
Subiu para o alto do mundo.
E ela, cantando, bordou. ■

MEIRELES, Cecília. (1983) 'A Dona Contrariada'. In: Obra Poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., p. 178-17.

A Joana D'Arc Teresa de Lisieux

Quando o Deus das Nações te
concedeu vitória,
E, expulsando o invasor, sa-
graste o rei, ó Joana,
teu nome se tornou famoso em
toda a história,
diante de ti os heróis perderam
brilho e fama.

Mas aquela era ainda a glória
passageira;
ao teu nome faltava a auréola
dos santos.
O Bem-Amado deu-te, amarga,
a taça inteira,
e te tornaste a rejeitada dos
humanos.

Numa escura masmorra, entre
grilhões e horrores,
o cruel invasor cobriu-te de
amarguras.
Nenhum amigo teu partilhou
tuas dores,
nenhum se apresentou para
enxugar teu pranto.

Vejo-te, neste horror, mais
reluzente e bela,
do que no dia-luz do rei em
sagração.
Donde te veio a luz, este fulgor
de estrela,

Quand le Dieu des armées te
donnant la victoire
Tu chassas l'étranger et fis sa-
crer le roi
Jeanne, ton nom devint célèbre
dans l'histoire
Nos plus grands conquérants
pâlirent devant toi.

Mais ce n'était encor qu'une
gloire éphémère
Il fallait à ton nom l'auréole des
Saints
Aussi le Bien-Aimé t'offrit sa
coupe amère
Et tu fus comme Lui rejetée des
humains.

Au fond d'un noir cachot,
chargée de lourdes chaînes
Le cruel étranger t'abreuva de
douleurs
Pas un de tes amis ne prit part
à tes peines
Pas un ne s'avança pour
essuyer tes pleurs.

Jeanne tu m'apparais plus
brillante et plus belle
Qu'au sacre de ton roi, dans ta
sombre prison.
Ce céleste reflet de la gloire
éternelle

que hoje te faz brilhar? De uma ignóbil traição!

Se um dia o Rei do amor, neste vale de prantos, não tivesse buscado a traição e a morte, para todos nós a dor já não teria encantos... Mas hoje a amamos como um tesouro e uma sorte.

Qui donc te l'apporta ? Ce fut la trahison.

Ah ! si le Dieu d'amour en la vallée des larmes N'était venu chercher la trahison, la mort La souffrance pour nous aurait été sans charmes Maintenant nous l'aimons, elle est notre trésor. ■

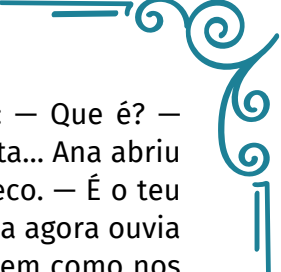
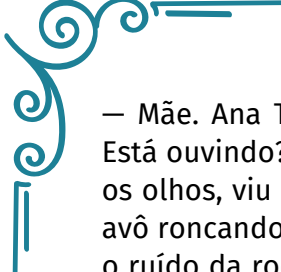
Adaptação para o português do poema original. Tradutor desconhecido. Disponível em: [A GRANDE GUERRA: A Joana d'Arc \(Poesia de Santa Teresa do Menino Jesus\) \(a-grande-guerra.blogspot.com\)](#). Acesso em: 18 set 2023.

TERESA DE LISIEUX, 1987, 'A Jeanne d'Arc'. Disponível em: [Joana D'Arc - PN 50 — Arquivo do Carmelo de Lisieux \(carmeldelisieux.fr\)](#). Acesso em: 18 set 2023.

O Tempo e o Vento Luís Fernando Veríssimo

“Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando”— costumava dizer Ana Terra. Mas entre todos os dias ventosos de sua vida, um havia que lhe ficara para sempre na memória, pois o que sucedera nele tivera força de mudar-lhe a sorte por completo. Mas em que dia da semana tinha aquilo acontecido? Em que mês? Em que ano? Bom, devia ter sido em 1777: ela se lembrava bem porque esse fora o ano da expulsão dos castelhanos do território do Continente. Mas na estância onde Ana vivia com os pais e com os irmãos, ninguém sabia ler, e mesmo naquele fim de mundo não existia calendário nem relógio. Eles guardavam de memória os dias de semana; viam as horas pela posição do sol; calculavam a passagem dos meses pelas fases da lua; e era o cheiro do ar, o aspecto das árvores e a temperatura que lhes diziam das estações do ano. Ana Terra era capaz de jurar que aquilo acontecera na primavera, porque o vento andava bem doido, empurrando as grandes nuvens brancas no céu, os pessegueiros estavam floridos e as árvores que o inverno despira, se enchiam outra vez de brotos verdes. ■

VERÍSSIMO, 2005, p. 72.



— Mãe. Ana Terra voltou-se para ele, resmungando: — Que é? — Está ouvindo? — Ouvindo o quê? — Um barulho. Escuta... Ana abriu os olhos, viu a escuridão e ouviu o ressonar de Maneco. — É o teu avô roncando — disse. — Não é, não. É a roca. Sim, Ana agora ouvia o ruído da roca a rodar, ouvia as batidas do pedal, bem como nos tempos em que sua mãe ali se ficava a fiar e a cantar. Não havia dúvida: era o som da roca. ■

VERÍSSIMO, 2005, p. 82.

— Não é nada. Dorme, Pedrinho.

Ficaram em silêncio. Mas não puderam dormir. Ana escutava o ta-ta-ta da roda, que agora se confundia com as batidas apressadas de seu próprio coração e com as do coração de Pedro que ela tinha apertado contra o peito.

Devia ser a alma de sua mãe que voltava para a sua casa à noite e, enquanto os outros dormiam, punha-se a fiar. Sentiu um calafrio. Quis erguer-se, ir ver, mas não teve coragem.

— É ela, mãe? — sussurrou Pedro.

— Ela quem?

— A vovó.

— Tua avó está enterrada lá em cima da coxilha.

— É a alma dela.

— Não é nada, meu filho. Deve ser o vento.

Em outras madrugadas Ana tornou a ouvir o mesmo ruído. Por fim convenceu-se que era mesmo a alma da mãe que vinha fiar calada na noite. Nem mesmo na morte a infeliz se livrara da sua sina de trabalhar, trabalhar, trabalhar... ■

VERÍSSIMO, Érico. O Tempo e o Vento. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei

J. R. R. Tolkien

“O que temes, senhora?”, perguntou ele.

“Uma gaiola”, disse ela. “Ficar atrás das barras até que o costume e a velhice as aceitem e que toda oportunidade de fazer grandes feitos tiver-se ido além da recordação ou do desejo.”

“E, no entanto, me aconselhaste a não me arriscar na estrada que escolhi porque é perigosa?”

[...] “Porém não te peço para fugir do perigo, e sim para cavalgar à batalha onde tua espada poderá ganhar renome e vitória. Não me agrada ver algo elevado e excelente lançado fora sem necessidade.”

“Nem a mim”, comentou ele. “Portanto eu te digo, senhora: fica! Pois não tens missão no Sul.” ■

TOLKIEN, 2019, p. 1139.

[...] e eis que a Sombra partiu! Não serei mais donzela-do-escudo, nem porfiarei com os grandes Cavaleiros, nem me regozijarei apenas com as canções de matança. Serei uma curadora e amarei todas as coisas que crescem e não são estéreis.” ■

TOLKIEN, J.R.R. O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2019.

Cantora de Rua Gabrielle Bossis

Achava que só os pobres sofriam. Entro suavemente em sua intimidade, ela é uma alma adorável, estou constantemente fazendo novas descobertas. Não tenho pressa: os impacientes vão de comboio (trem), mas os amantes de belas paisagens seguem os rios... ■

BOSSIS, Gabrielle. Cantora de Rua. Edição Bilingue. Clube de Autores, 2022.

Retábulo de Santa Joana Carolina Osman Lins

“Então, através das rugas, dentre a cabeleira desfeita, eu a vi em sua juventude. [...] Terá sido esse rosto privilegiado, ressurgido de alguma distante plenitude, que contemplei com religiosidade e um grave terror? Terá nossa alma o ensejo de escolher, dentre os inumeráveis aspectos que perdemos, o menos contrário à sua natureza, ou o que testemunhou nossos dias mais ricos, aqueles em que mais próximos estivemos da harmonia sempre desejada entre nosso poder e nossas obras? Terá sido esse rosto privilegiado, ressurgido de alguma distante plenitude, que contemplei com religiosidade e um grave terror? Continuavam intactas suas feições de velha, com os olhos amortecidos, as incontáveis carquilhas. Mas dentro desse rosto, que adquiriu de súbito uma transparência inexplicável, como se na verdade não existisse, fosse uma crosta de engano sobre a realidade não franqueada à contemplação ordinária, brilhava a face de Joana aos vinte e poucos anos, com uma flama, um arrebatamento e uma nobreza que pareciam desafiar a vida e suas garras — e eu pude ver aquela beleza secreta, já esquecida por todos os que outrora a haviam contemplado, e que sobrenadou então nas vésperas de morte, por uma graça, ante meus olhos dos quais por um segundo tombaram as escamas com que cruzamos a terra.” ■

LINS, Osman. Retábulo de Santa Joana Carolina. In. Nove, Novena. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

**“João foi um pobre como nós, meu filho.
Teve de suportar as maiores dificuldades,
numa terra seca e pobre como a nossa. Não
o condene, deixe João ir para o purgatório.”**

BIOGRAFIAS E TRECHOS

Teresa de Lisieux

Monja carmelita do séc. XIX. Entrou para o Carmelo de Lisieux, na França, aos 15 anos e lá morreu em 1897, aos 24. No carmelo, foi incentivada à escrita de sua própria vida. “Histoire d'une âme” (História de uma Alma), sua autobiografia publicada *post mortem*, tornou-se mundialmente famosa. Também escreveu poesias cujos temas eram predominantemente de cunho espiritual. Muito devota de Santa Joana d’Arc, escreveu-lhe canções e poesias. ■

“Quando o Deus das Nações te concedeu vitória,
E, expulsando o invasor, sa-
graste o rei, ó Joana,
teu nome se tornou famoso em
toda a história,
diante de ti os heróis perderam
brilho e fama.”

LISIEUX, 1897, ‘A Joana d’Arc’

Cecília Meireles

Escritora, jornalista, professora e pintora brasileira. Viveu no século XX e é considerada uma das maiores poetisas da literatura brasileira, ganhadora de vários prêmios literários e com obras traduzidas para diversas línguas. ■

Escrevia sobre temas intimistas, com caráter melancólico.

“Vieram as nuvens turvã-la.
Recomeçou de cantar.
No timbre da sua fala
havia um rumor de mar.
O sol dormia no fundo:
fez-se a voz, ele acordou.
Subiu para o alto do mundo.
E ela, cantando, bordou.”

MEIRELES, 1983, ‘A Dona Contrariada’

Hildegarda de Bingen

Monja beneditina, mística, teóloga, musicista, escritora e médica alemã, viveu no século XII. Suas obras deixaram ensinamentos de uma união cooperativa e harmoniosa entre corpo e espírito, natureza, vontade humana e a graça divina. Canonizada santa pela Igreja Católica, foi aclamada como “Doutora da Igreja, médica do corpo e da alma”. ■

“E mais uma vez ouvi a voz do céu dizendo-me: ‘Fala, portando, destas maravilhas e, sendo assim instruído, escreve-as e fala.’”

BINGEN, ca. 1152, ‘Declaração do Scivias’

Edith Tolkien

Conheceu o autor J.R.R. Tolkien em sua juventude, com quem se casou e teve quatro filhos. Permaneceram juntos por 55 anos, até sua morte. Edith foi a inspiração para a criação da personagem Lúthien Tinúviel, a mais bela e poderosa princesa élfica, que se apaixonada pelo mortal Beren. ■

“Azul era a sua vestimenta, feito o céu sem nuvens, mas seus olhos eram cinzentos como o anoitecer estrelado; o seu manto era bordado com flores douradas, mas seu cabelo era escuro, feito as sombras do crepúsculo. Como a luz sobre as folhas das árvores, como a voz de águas claras, como as estrelas acima das brumas do mundo, tal era a sua glória e a sua delicadeza; e em seu rosto havia brilhante luz.”

TOLKIEN, 2019, 'O Silmarillion'

Edith Stein

Filósofa e teóloga alemã, foi uma das primeiras mulheres a conquistar o título de doutora (PhD) na Alemanha, além de trabalhar pelo acesso das mulheres à educação e ao cargo de professoras universitárias.

De origem judia, converteu-se ao catolicismo após a leitura de “O livro da vida”, autobiografia da monja carmelita Teresa de Ávila, de quem seguiria os passos, entrando para o Carmelo. Foi morta em Auschwitz em 1942, juntamente com sua irmã Rosa, em retaliação às críticas feitas pela Igreja Católica contra o regime nazista. ■

“Conseguirmos assim captar a alma feminina em seu âmago? Claro [...] Tornar-se aquilo que se deve ser, deixar amadurecer para o desdobramento mais perfeito possível a humanidade que está latente nela, na forma individual especial que foi colocada nela.”

STEIN, 2020, 'A mulher – Sua missão segundo a natureza e a graça'

Virgem Maria

Maria, filha de Joaquim e Ana, foi concebida na velhice em circunstâncias extraordinárias. Estima-se que Jesus foi concebido quando Maria tinha cerca de 16 anos. Mãe de Jesus nos Evangelhos, ela testemunha a vida e morte de seu Filho. Destaca-se sua intercessão nas bodas de Caná.

“Ora não havia mais vinho, pois o vinho do casamento havia acabado. Então a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não têm mais vinho”. Respondeu-lhe Jesus: “Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou”. Sua mãe disse aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser.” ■

BÍBLIA, 2010, Jo 2, 3-5

Rosvita von Gandersheim

Rosvita von Gandersheim é um nome muito importante para a literatura germânica, por ser conhecida como a primeira poetisa de origem alemã. Ela nasceu por volta do ano 935 d.C. Quando ainda muito jovem entrou para o mosteiro, onde recebeu educação de qualidade, numa época em que poucas pessoas tinham acesso aos estudos. Com isso, Rosvita teve acesso a livros clássicos, devido à existência de uma grande biblioteca na Abadia de Gandersheim. Sua obra é escrita originalmente em latim e dividida em poemas, peças teatrais e prosa. ■

“Adeus, filha amada, adeus; e, quando estiveres no céu, unida a Cristo, lembra-te da mãe, aquela que te deu a vida mesmo quando os anos esgotaram as suas forças.”

GANDERSHEIM, 1923, 'The plays of Roswitha'. Tradução nossa

Maria de Ágreda

Abadessa espanhola, barroca conceptista e conselheira pessoal do Rei Felipe IV. Sua biografia da Virgem Maria, “*Cidade Mística de Deus*”, é considerada uma das maiores obras da época de ouro do Barroco hispânico. Diversas obras literárias europeias lhe fazem referência com o título “a dama de azul”. ■

“Voltou-se aos ventos e elementos da poderosa Imperatriz e, como Senhora de todos, os repreendeu com divina indignação, pois ofendiam seu próprio Criador, e com imperiosidade os mandou que moderassem seu rigor com o Menino Deus, mas não com ela.”

ÁGREDA, 1670, 'Mística Ciudad de Dios'. Tradução nossa

CRÉDITOS

Projeto de Extensão da Universidade de Brasília, “Uma jornada Literária Inesperada: Leituras orientadas de J. R. R. Tolkien e amigos”.

Coordenador: Wiliam Alves Biserra.

Coordenador Adjunto: Cássio Selaimen Dalpiaç.

Aluno Bolsista: João Marcos Pereira de Souza. ■

Grupo de Pesquisa da Universidade de Brasília “Literatura e Espiritualidade”

Líderes: Wiliam Alves Biserra e Cássio Selaimen Dalpiaç. ■

“Os Dedos Hâbeis de Mulheres que teceram a história”, Semana Universitária UnB 2023:

Coordenador: Wiliam Alves Biserra.

Coordenador Adjunto: Cássio Selaimen Dalpiaç.

Monitores: João Marcos Pereira de Souza e Mayra de Jesus Souza Silva.

Equipe Gráfica: Fernanda de Araújo Gonçalves, Gabriel Silvestre Marques Boere e Mayra de Jesus Souza Silva.

Editor: Fernanda de Araújo Gonçalves, Gabriel Silvestre Marques Boere de Souza e Mayra de Jesus Souza Silva.

Ilustração da Capa: Hellen Rodrigues Moraes.

Equipe Executora: Ana Carolina Ferreira Carvalho; Arthur campos Máximo Branquinho; Beatriz do Nascimento Vieira; Beatriz Mendes Gomes; Bruna Giusti Rocha Borges; Fernanda de Araújo Gonçalves; Fernanda Navarrete Brisolará da Silva; Gabriel Silvestre Marques Boere de Souza; Guilherme de Sousa Torres; Isabele Collet Vieira; João Pedro Pinheiro Ghesti; José Ramos de Queiroz Neto; Juliana de Andrade Oliveira; Layla Freitas Guimaraes da Silva; Maria Cecília Ghesti Dias; Marco Antônio Nogueira Montenegro Filho; Miguel Mendes Luna; Pedro Rodrigues Diogenes Macedo; Raphael Pati Fontes e Silva; Rodolfo Ventura Oliveira; Sabrina Magalhães Vieira; Tomás de Almeida Maciel Cabral; Verônica Guimaraes Vaz.

Autores dos Resumos: Dr. Wiliam Alves Biserra; Profa. Verônica Valadares; Prof. Guilherme Torres; Shirley de Medeiros; Dra. Marina Arantes; Prof. Pe. Cássio Selaimen Dalpiaç; Luigi M. Pereira de Souza; Flávia Cabral; Prof. Dr. Paulinyi Zoltan.

Autores dos Textos da Antologia: Ariano Suassuna; Cecília Meireles; Érico Veríssimo; Gabrielle Bossis; J.R.R. Tolkien; Marina Colasanti; Teresa de Lisieux; Osman Lins. ■

Referências

Adaptação para o português do poema original. Tradutor desconhecido. Disponível em: [A GRANDE GUERRA: A Joana d’Arc \(Poesia de Santa Teresa do Menino Jesus\) \(a-grande-guerra.blogspot.com\)](#). Acesso em: 18 set 2023

ÁGREDA, Maria Jesús. Mística Ciudad de Dios. Madrid, 1670. Tradução nossa.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2010.

BINGEN, Hidelgarda. Scivias (scito vias domini). Tradução: Paulo Ferreira Valério. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2015

BOSSIS, Gabrielle. Cantora de Rua. Edição Bilingue. Clube de Autores, 2022.

COLASANTI, Marina, A moça Tecelã. São Paulo: Global Editora. 2004.

GANDERSHEIM, Rosvita. The plays of Roswitha. Trad. Christopher St. John. London: Chatto & Windus. , 1923.

LINS, Osman. Retábulo de Santa Joana Carolina. In. Nove, Novena. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MEIRELES, Cecília. (1983) ‘A Dona Contrariada’. In: Obra Poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A.

STEIN, Edith. A mulher - Sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução de Alfred J. Keller. Campinas: Ecclesiae, 2020.

SUASSUNA, Ariano. Auto da compadecida. 35ª ed. Rio de Janeiro: Agir. 2005.

TERESA DE LISIEUX, 1987, ‘A Jeanne d’Arc’. Disponível em: [A Joana D’Arc - PN 50 — Arquivo do Carmelo de Lisieux \(carmeldeliseux.fr\)](#). Acesso em: 18 set 2023

TOLKIEN, J.R.R. O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2019.

TOLKIEN, J.R.R. O Silmarillion. Edição de C. Tolkien. Tradução: Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: Harper Collins Publishers, 2019.

TOLKIEN, J.R.R; TOLKIEN, Christopher (ed.). Beren e Lúthien. Tradução Ronald Kyrme. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2019.

VERÍSSIMO, Érico. O Tempo e o Vento. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. ■



**“Adeus, filha amada,
adeus; e, quando
estiveres no céu, unida a
Cristo, lembra-te da
mãe, aquela que te deu
a vida mesmo quando os
anos esgotaram as suas
forças.”**

UMA
JORNADA
LITERÁRIA
INESPERADA

ISBN: 978-65-89350-10-1

TD



9 786589 350101